VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A MÚSICA QUE SOBREVIVEU NA "HISTÓRIA" E QUE NÃO SAI DA "MEMÓRIA"

Cornélio Caldeiras de Castro*

A música é uma arte que tem a capacidade de relatar fatos históricos e fazer-se presente em distintas circunstâncias; de encantar com as suas curvas melódicas, de emocionar multidões, de excitar uma relação afetiva, de acalentar a um desafeto, de acalmar uma pessoa que passa por uma tempestade emocional e, também, com sua harmonia, ela pode levantar o ânimo dos soldados e conclamar um exército para a guerra, assim como desanimar o inimigo e, trazer muitos ensinamentos.

Quando a repressão tomou conta do Brasil, eu, ainda criança, desconhecendo o contexto histórico brasileiro, lembro-me de ter visto, pela televisão, estudantes e muitas pessoas sendo perseguidos pelos militares, aqueles, às vezes cantando músicas de ordem, enfrentavam e protestavam contra um regime que se apossou do poder e pensava poder ditar o que os brasileiros deviam ou não pensar ou dizer.

Foi neste contexto que eu, sem saber o que cantava, entoava com toda força e sinceridade de uma criança uma música em que os que ditavam a ordem queriam mostrar que o país estava em ordem e em franco crescimento. Eis algumas partes da

* Curso de Pós-graduação/ Mestrado em Educação Arte e História da Cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP.

ISBN: 978-85-98711-10-2

música: "Este é um país que vai pra frente, Ou, Ou, Ou... É um país que canta, trabalha e se agiganta...". Era toda uma proclamação de grandeza e crescimento dos que detinham o poder. Mas, ainda que naquele momento, acordos internacionais eram firmados e grandes empresas multinacionais se instalavam aqui – o que queriam era abafar, a todo custo, a crueldade que imperava nos porões das prisões e nos isolamentos dos quartéis.

A ordem era prender os jovens sonhadores, pensadores, cantores e reprimir toda expressão que não se afinasse com os "tons" do poder. A liberdade de expressão e direito ao protesto, perderam seu espaço. O país ficou marcado pela censura e pela crueldade, mas, mesmo assim, os porta-vozes governamentais tentavam aliciar aos incautos e medrosos, que o Brasil crescia e que tudo estava em perfeita ordem.

Sentindo-se obrigados a engolir uma taça do pior vinho que alguém pudesse oferecer, Chico Buarque e Gilberto Gil compõem a música "Cálice", pois a repressão era este cálice amargo que os brasileiros não mereciam beber. E, realmente a lei de censura, exarada no AI-5, pretendia tapar a boca, dos compositores, artistas e jornalistas, o que era um cálice difícil de sorver. Para eles, o "Cálice" ou o "cale-se" eram uma mesma bebida. Como ninguém, eles tiveram a ousadia de tomar o exemplo da oração de Cristo – registrada no Evangelho de São Lucas, capitulo 22 versículos 42 a 44 – que, no Jardim do Getsêmani, em meio a uma angústia cruel, sofria ao pressentir a morte. Do mesmo modo que Cristo orou e pediu a Deus, seu Pai, que o afastasse daquele cálice de morte, Chico e Gil compuseram e cantaram desejosos de que nem eles, nem ninguém bebessem aquele cálice amargo.

A música, como um formão que penetra a madeira e expõe a arte do escultor, marcou profundamente estes cruéis momentos da história brasileira. "Cálice", que também foi censurada, faz parte de todo esse background, assim como tantas outras canções compostas na época. Descrevê-la é necessário para que a análise de sua letra mostre uma das mais belas mensagens que entrou para a história e jamais sairá da memória dos brasileiros.

Cálice
Chico Buarque e Gilberto Gil

Refrão

ISBN: 978-85-98711-10-2

Pai afasta de mim esse cálice
Pai afasta de mim esse cálice
Pai afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta.

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade.

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça.

O sofrimento narrado nesta música representa a todos, sem exceção. Famílias, meios de comunicação (Jornal, rádio e televisão), escritores, compositores e intérpretes. Cada frase desta composição reflete um “trago amargo” do sofrimento vivido durante a ditadura. Por ela se pode ver quão cruel eram os agentes do “poder” que, com os mais diferentes tipos de torturas, tentavam arrancar da boca dos torturados alguma confissão.

ISBN: 978-85-98711-10-2

A música, de modo geral, não somente marca momentos importantes na vida comunitária, como, diante de algumas situações, se eterniza. É de conhecimento público que o nascimento do estilo musical conhecido como "Negro Spiritual", foi ao Sul dos Estados Unidos onde os escravos cantavam para aliviar o sofrimento da alma, diante do martírio, cantavam de saudade e sonhando com a liberdade. Este estilo musical oriundo do sofrimento dos escravos na América do Norte impregnou-se de tal forma que se tornou o estilo americano de cantar e deu origens a tantos outros ritmos e estilos musicais.

Durante a ditadura militar a música, ainda que censurada, foi o combustível que renovou a força de milhares de jovens militantes. O artista sempre consegue ironizar e sua arte demonstra claramente o contexto em que vive. Foi assim, em meio a este estado de censura e repressão que Chico Buarque escreve mais uma música dedicada aos seus algozes. E, para driblar a censura Chico Buarque cria o pseudônimo Julinho da Adelaide com o qual compõe três músicas. A música que segue, "Jorge Maravilha" é uma sátira aos detentores do poder que reprimiam o povo, mas desconheciam o que seus próprios filhos pensavam ou queriam.

Jorge Maravilha

Autor: Chico Buarque (Julinho da Adelaide)

E nada como um tempo após um contratempo
Pro meu coração
E não vale a pena ficar, apenas ficar
Chorando, resmungando, até quando, não, não, não
E como já dizia Jorge Maravilha, prenhe de razão
Mais vale uma filha na mão
Do que dois pais voando.

Você não gosta de mim, mas sua filha gosta.
Você não gosta de mim, mas sua filha gosta.
Ela gosta do tango, do dengo, do mengo, domingo e de cócega
Ela pega e me pisca, belisca, petisca, me arrisca e me enrosca
Você não gosta de mim, mas sua filha gosta
E nada como um dia após o outro dia
Pro meu coração
E não vale a pena ficar, apenas ficar
Chorando, resmungando até quando, não, não, não
E como já dizia Jorge Maravilha, prenhe de razão
Mais vale uma filha na mão do que dois pais sobrevoando.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Em um contexto de linha dura e repressão essa música ironiza mostrando a fragilidade de um pai que estava do lado do Regime autoritário. Em entrevista à Folha de São Paulo em 1977, Chico Buarque disse: "Aconteceu de eu ser detido por agentes de segurança (do Dops), e no elevador o cara pedir autógrafo para a filha dele. Claro que não era o delegado, mas aquele contínuo de delegado" (Wikipédia). Esta situação mostra pontos frágeis que solapavam as instituições e famílias que estavam do lado do regime e, mostra também, a capacidade do artista de ironizar até mesmo quando os ventos sopravam em sentido contrário. É como se Chico estivesse cantando: Mesmo que "os cabeças" desta "mãe gentil" não gostem de mim, os filhos dela me adoram.

O sofrimento não era somente torturas e prisões. Muitos foram exilados, deixando para trás o pai, a mãe, os irmãos, às vezes, a esposa e os filhos. São inúmeros os que tiveram que deixar o país. Entre estes se destaca Geraldo Vandré que, a principio, se escondeu, depois seguiu para o Chile e de lá para a França. Vandré vai embora em decorrência do AI-5, mas sua música ficou, para dar alento à juventude que ainda reunia forças para resistir. Expulsaram o compositor, mas não conseguiram aniquilar o doce som de sua música que ecoava pelo ar e na boca dos brasileiros que cantavam: "Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais, braços dados ou não, nas escolas, nas ruas, campos, construção...". Esta música era, ao mesmo tempo, um insulto ao poder e se tornou um dos maiores hinos de resistência do movimento civil e estudantil que fazia oposição à ditadura militar.

Como deter tantas verdades que ecoavam e confrontavam ao governo ditatorial? Como prender um ideal? Como calar um som? A verdade dita pelo autor dessa música "Pra não dizer que não falei das flores", arrebanhava novos adeptos com sua contundente expressão literária e musical: "Há soldados armados amados ou não, quase todos perdidos de armas na mão, nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição: de morrer pela pátria e viver sem razão". Não havia flecha que penetrasse mais o ego e a alma dos militares que esta estrofe, mas, também, não havia melhor refrão para ser entoado por aqueles que bravamente resistiam, pois a liberdade é um anelo de todo ser humano que, às vezes, consegue suportar as mais terríveis torturas, sem jamais deixar de lutar por ela.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Quem não viveu períodos ditatoriais desconhece o que seja repressão. Não tem idéia que sofrimento é este. Chico Buarque em outra música relata sobre uma infeliz roda viva que, como um redemoinho chegava e dissipava tudo que fosse suspeito aos interesses do regime ditatorial. Tudo o que se queria construir ou criar era alvo de uma censura que a tudo impedia. Em sua composição "Roda Viva" Chico expressa:

> A gente quer ter voz ativa, no nosso destino mandar,
> Mas eis que chega a roda viva e carrega o destino prá lá
> E, também, "A gente vai contra a corrente até não poder resistir,
> Na volta do barco é que sente o quanto deixou de cumprir.
> Faz tempo que a gente cultiva, a mais linda roseira que há,
> Mas eis que chega a roda viva e carrega a roseira prá lá....

E assim, noutra estrofe, ele fala do samba, da viola e de tudo que o povo gostaria de fazer e cantar livremente, mas eis que vinha uma (infeliz) roda viva", referindo-se aos déspotas, que chegavam e os impediam.

A palavra "poder", segundo o dicionário, significa "ter a faculdade de:, ter possibilidade, dispor de força ou autoridade; força física ou moral, ter influência..." (Dicionário Escolar de Língua Portuguesa). Essa palavra jamais deveria estar ligada ao despotismo ou à tirania uma vez que "poder" é delegado para o bem e segurança de todos. Sabe-se, porém, que o poder corrompe. Naturalmente há exceções a esta regra, mas, de modo geral, quem está no poder não está isento de deixar nascer a corrupção, os desmandos e a tirania. Aqueles que se deixaram corromper, estando no poder, não entenderam o propósito para o qual a comunidade ou a nação lhe confiou autoridade. Por mais bem votado que seja e por maior que seja o índice de aprovação, o governante deve entender que ele foi escolhido para gerenciar um grande projeto em que há pessoas envolvidas e que há uma grande expectativa por políticas públicas que sirvam para o bem estar de todos. Essa autoridade, concedida pelo povo, não pode torná-lo autoritário. Esse poder que emana do povo, não o torna maior do que ninguém. É óbvio que a autoridade que lhe foi conferida exige que seja enérgico em tomar decisões que mantenham a ordem pública, mas não o autoriza a maltratar, espancar e matar pessoas.

A ditadura brasileira é fruto do pensamento de pessoas que adentraram por este atalho, o golpe. Digno de nota é que eles exerciam a co-liderança nacional, auxiliando o presidente João Goulart na segurança de todos e, também, das fronteiras. Mas, de forma cúmplice viraram a mesa, o que deu origem à Revolução de 1964 e, uma vez no

ISBN: 978-85-98711-10-2

exercício do poder, tiveram que usar de todas as armas e artimanhas, criando instituições como o SNI, leis e Atos Institucionais, que os sustentassem no topo.

Foucalt, também, analisou e expressou sobre a questão do poder. Para ele o poder não é um objeto palpável, algo como uma propriedade que alguns possuem e outros não. Ou seja, não há diferença entre uma classe social que detém o poder em detrimento de outra, a classe dominada. Para ele, o poder é constituído numa prática social e não somente na produção e crescimento de capital. Os indivíduos que exercem o poder o fazem em nome e para o bem de todos (Michel Foucault: 1979).

No entanto, os generais que governavam o Brasil, durante a ditadura, de maneira sórdida pensaram ser possível unificar o pensamento. Como diz Marilena Chauí em "O Discurso Competente":

> O discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante.

Não importavam quais os "meios" usados para alcançar os "fins". O método era reprimir a todos quantos dissessem ou pensassem de outra forma, com a finalidade – como se fosse possível – de colocar a "casa" em ordem e fazer crescer esta nação gigantesca. E Assim se impuseram, ditando novas regras, rotulando de "comunistas" a todos os contrários, prendendo-os, forjando acusação falsas contra os mesmos, pendurando-os no pau-de-arara das confissões, escondendo os mortos – afirmando desconhecerem seu paradeiro – e obrigando outros a abandonarem o país.

Mas, em meio à máxima, que bem se encaixa com o autoritarismo "quem pode manda e quem não quer apanhar ou ser perseguido, obedece", continuava no ar o som dos pensadores, naturalmente, revoltados com tanta proibição e barbaridade, compondo suas músicas e letras que, mesmo confiscadas pela censura, não deixavam de soar e incomodar aos líderes do regime repressor.

Maria Bethânia, por exemplo, em sua música "Carcará" fala de um cruel pássaro do sertão, que devora a presa sem dó. Seu desejo era relatar a similaridade entre o dia-a-dia daquela ave de rapina com os homens cruéis que causavam um sofrimento

ISBN: 978-85-98711-10-2

interminável para milhões de brasileiros. Na última estrofe de sua música ela diz: "Carcará é malvado, é valentão. É a águia de lá do meu sertão, os burrego novinho num pode andá, ele puxa no bico inté matá".

Bethânia podia muito bem cantar tal música, pois sua família sofreu na pele os efeitos de quem, naquele momento, simbolizava o "Carcará". Em dezembro de 1968, Caetano, seu irmão, foi preso juntamente com Gilberto Gil e soltos, somente, em fevereiro do ano seguinte. Foram obrigados a viver em uma espécie de confinamento sem poder dar entrevistas e aparecer em público. Em julho desse mesmo ano Caetano e Gil mudaram-se para a Inglaterra.

Não havia como escapar. Tudo e todos eram vigiados. Os jornais foram censurados; rádio e televisão, também, passavam pelo crivo da censura e todos, no país, viviam na expectativa da visita do "Carcará" que "pega, mata e come".

O compositor, como qualquer outro individuo, está sempre conectado ao seu tempo e sujeito às vicissitudes da vida. Mas, sua arma é a música e a poesia. Esta arma não tem a força física de um canhão, ela não tem o poder de perfurar o corpo e tirar a vida, mas invade a mente, faz gerar esperança e é capaz de dar impulso e nortear a um objetivo concreto.

O cantor e compositor Roberto Carlos em 1971 entra em cena e expressa sua homenagem a Caetano Veloso que se encontrava exilado em Londres. Dividindo a composição com seu amigo Erasmo Carlos, Roberto, compõe a música "Debaixo dos Caracóis de seus Cabelos" e expõe o que Caetano desejava ardentemente: Voltar ao seu país, "pisar na areia branca" e ver "janelas e portas" abertas em sua chegada. Debaixo do cabelo encaracolado do amigo Caetano, havia uma longa história a ser contada, a história de um exílio e de um país cuja liderança expulsava seus próprios filhos.

O clamor diante de tanta imposição era grande, mas a luta continuava e, na mente dos artistas, cada vez mais, surgiam inspirações, fruto dessa época de barbárie ditatorial. "É proibido proibir" é uma música composta por Caetano antes de sair do país. Com ela participou do Festival Internacional da Canção – TUCA – 1968, foi vaiado e fez um polêmico discurso ao final de sua apresentação (Colling – 1997). Muito embora essa música pareça afirmar apenas a proibição de uma mãe com respeito à sua

ISBN: 978-85-98711-10-2

filha, nota-se claramente, que as circunstâncias eram de luta em face à proibição. Assim, na segunda estrofe, ele canta:

> Me dê um beijo meu amor,
> Eles estão nos esperando.
> Os automóveis ardem em chamas,
> Derrubar as prateleiras
> As estantes, as estátuas
> As vidraças, louças
> Livros, sim…
> E eu digo sim,
> E eu digo não ao não.
> E eu digo: É!
> Proibido proibir
> É proibido proibir..."

Há, ainda muitos outros cantores e compositores, aqui não citados, que viveram este período conturbado da nação e que, também, foram inspirados a compor e transmitiram força aos que bravamente lutavam. A luta era de todos e a esperança era certa como o sol que se apresentava todas as manhãs. Não se acovardar era a palavra de ordem. E, a música, esteve presente neste período impulsionando o povo.

A história que registrou os abusos do poder, neste período da ditadura militar brasileira, é a mesma que registrou a resistência de milhares de brasileiros pela liberdade e pelo direito de expressão. Aqueles que tentaram fazer calar a voz do povo tiveram que manchar as mãos e a consciência de sangue e, mesmo assim, não obtiveram a vitória.

A máquina repressora podia tirar a vida, mas não arrancava o ideal de esperança e liberdade do coração e da mente dos militantes civis. Os algozes desconheciam que a prisão de homens e mulheres idealistas, não era o ocaso, mas um palanque onde o ideal ressurgia com mais força.

Neste período cruel, que vai de 1964 a 1985, uma cúpula militar que se achava inteligente e capaz, pensava ser possível abafar o som das músicas. Não entendia, porém, que o passarinho canta, mesmo preso em uma gaiola.

Já os compositores, sofriam a censura, o exílio e a prisão. Porém, seus gemidos eram como notas musicais que amenizavam a dor, o sofrimento e como lança pontiaguda cutucava o regime opressor.

ISBN: 978-85-98711-10-2

A multidão espalhada pelo Brasil afora eram os cantores que com bravura e peito erguido, se arregimentavam e nutriam as forças para continuar lutando.

E assim,

Uma história de sangue e horrores,
Onde os algozes queriam ser os atores;
Despertou o brio da multidão de cantores
Que, guiados por censurados compositores,
Resolveram enfrentar com galhardia
A prisão, o trauma, o exílio e a morte,
Para obter com a honradez dos fortes
Um país, sem mentiras, sem medo; outra sorte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Chauí, Marilena de Souza. ***Cultura e Democracia*** – O Discurso Competente e Outras Falas. Editora Cortez, São Paulo, 1989.

Colling, Ana Maria. ***Resistência da Mulher à Ditadura no Brasil***. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1997.

Dicionário de Língua Portuguesa – MEC, 11ª ed. 7ª tiragem – 1983.

Excertos de ***O Brasil Republicano.*** Crise no Governo João Goulart e golpe de 1964.

FOUCALT, Michel. ***Microfísica do Poder*** – Edições Graal, São Paulo, 1979.

NICCOLO, Machiavelli. ***O príncipe*** – Editora Escala, 2ª ed. 2006.

Wikipédia – Entrevista de Chico Buarque a Tarso de Castro - Folha de São Paulo, 11/09/1977